

# O RELAMPAGO

QUINZENARIO SCIENTIFICO, LITTERARIO E RECREATIVO

COLLABORADORES

Amalia Flores (D); Arthur Soares; Augusto Peixoto; Azevedo Coutinho; Bertha Lima (D.); Braulio Caldas; Domingos Tarrozo; Eduardo Cunha; Faria Junior; Fernando Coelho; Gonçalo Sampaio; João Belzebut; João Dias; José Parreira; Pereira Caldas; Tito Manlio; Vicente Novaes, etc., etc.

CHARADISTAS

Augusto Infante; G. Caetano; Heitor Servadac; José Velloso; Lirio Roixo; M. J. G. Ribeiro; Pequeno Antoninho; Xavier Rodrigão, etc., etc.

SUMMARIO:

Costumes Africanos—*Pereira Caldas*; Supplica (poesia)—*Domingos Tarrozo*; Desalento (poesia)—*Vicente Novaes*; O Engeitado—*Faria Junior*; Scenas Medievicas (poesia)—*João Belzebut*; Orgulhosa (poesia)—*Jacinto Parreira*; A primeira carta—*Tito Manlio*; Incerteza (poesia)—*Faria Junior*; Horas d'ocio—*diversos*; Expediente.

## Costumes Africanos

—TAMBE—

As ceremonias dos enterros na *Africa*, no sepultamento dos negros, dão os indigenas o nome de **tambe**, em abreviação do termo ritual **mutambe**.

Significa-se com estas palavras o ajuntamento dos negros, em que homens e mulheres com ritos supersticiosos, ceremonias ridiculas, cantigas lascivas, e danças deshonestas, celebram as exequias dos negros fallecidos, elogiando-lhes as torpezas conhecidas, e decantando-lhes as concubinagens sabidas.

Adoram os negros n'essa occasião o idolo **Iteque**, narrando no convívio grotesco, se o morto era circunciso ou não—acompanhando este feio quadro obituario com acções indignas, a que os incitam as muitas bebidas, com que para tudo isto se embriagam.

Para deposição do enojado, armam os negros uma pequena cabana, ou no campo ou no aro da morada, e ahí o collocam deitado, pondo-lhe ao pé um prato, uma cabaça, e um cachimbo, todos tres em fragmentos grossos.

E' em roda d'esta cabana, que as ceremonias obituarias teem logar no decurso de 8 dias, até estar devorado pelos circumstantes um porco—sem o que nada valeriam as exequias.

Findo o oitavario ceremonioso, vão os negros então com o enojado em procissão até um rio proximo, ou até ás praias do mar em circumstancias analogas, aonde arrojam a caveira do porco devorado—tendo todos para si com isto, que só n'esse acto entra no descanso eterno o **zumbi**—«alma do morto».

A este cumprimento do **tambe**, dão os negros propriamente o nome de **mutambe**.

O professor, *Pereira-Caldas*.

## Supplica

Dá-me o teu sorriso imagem,  
dá-me os teus olhos sereia;  
manda-me na aza da aragem  
essa formosa cadeia  
dos teus lustrosos cabellos;  
dá-me as fallas preciosas  
d'esses labios sempre bellos  
e essas faces,—duas rosas;  
manda-me a luz e a harmonia,  
a côr, o mysterio, o aroma  
d'essa cutis luzidia  
como as estatuas de Roma;  
dá-me essa alma que venero,  
dá-me o teu perfume, flor;  
mas não me des, que o não quero,  
esse abysmo,—o teu amor.

*Domingos Tarrozo.*

## Desalento

Quando cessarás tu, sorte mofina,  
D'atormentar meu peito angustiado?!  
E quando me verei eu libertado  
De jugo tão penoso, ó luz divina?!

Soffrer com paciencia nos ensina  
A crença de Jesus crucificado;  
Porém de soluçar estou caçado,  
Como a minha vizinha Carolina!...

E n'este desespero e soledade  
Descreio até ás vezes (não o nego)  
Da fé e da esperança e caridade!

—Por este soffrimento longo e cego  
Só tenho o desalento n'esta idade  
Pois nada já me resta a pôr no prégo!

*Vicente Novaes.*

## O Engeitado

(A José Parreira)

Foi n'uma tempestuosa e fria noite do mez de dezembro.

A chuva começara a despenhar-se em torrentes desde o anoitecer e o vento sul, enfurecido, ramalhando fortemente por entre as cômas do arvorêdo, fazia-a ir d'encontro ás vidraças suas inimigas. Ao longe, muito ao longe, ouvia-se distinctamente os rucos ribombos do trovão que se repercutiam pelas quebradas das serras e, de tempos a tempos, faiscavam os relâmpagos, espalhando pelo o espaço seu ignífero clarão.

Eram dez horas. As ruas da vetusta cidade de Braga estavam desertas, reinando n'ellas um silencio cemiterial, o qual só era interrompido d'espaco a espaco, pelos passos lentos e pesados d'algun policia civil.

Dirigia-me para casa a passos agigantados, quando ao passar pelo largo das Carvalheiras, me pareceu ouvir os vagidos d'uma creança.

Parei, ficando immovel, estupefacto, até que um novo gemido, sahido junto d'uma casa proxima, me veio evidenciar que ahi se achava exposto um pequenino ente.

Caminhei então para junto da casa e apenas subi o andaime, accendi um phosphoro não sem bastante custo. Deparou-se-me um quadro completamente desolador! uma scena verdadeiramente horripilante!

Esses ternos vagidos que momentos antes tinham ferido gravemente o meu ouvido, eram soldados por um recém-nascido, envolto n'uns miseros farrapinhos, exposto por alguma mãe de coração tigrino, deshumana, filicida, que teve força para arrancar do seu peito—a fibra mais intima da sua alma, o affecto unico, santo e sublime do seu amor infernal,—para abandonal-o assim aos carinhos alheios e desamorosos por aquella noite negra e fria.

E eu, n'este momento de cegueira, vociferei contra a mulher, porque sendo ella a felicidade do lar, a alegria do mundo, o oásis da vida, a synthese da criação, chega a violar todos estes dotes que a natureza lhe concedeu, tornando-se mais feroz que o tigre, mais carnívora que a hyena, por que estes, além do seu instincto, não abandonam seus filhos, como a mulher o faz, arremecendo-os ora ás esquinas das ruas, ora ás portas dos ricos.

E, totalmente compadecido d'essa infeliz creança que a meus olhos se apresentava, tomei-a nos braços e embrulhando-a na ampla capa que me cobria, atravessei com ella varias ruas em direcção a essa casa chamada—hospicio.

Quando ali cheguei, colloquei-a sobre um banco que ahi existia e tive então ensejo de a examinar, ajudado pela luz pallidamente frouxa d'um lampeão, que com escassez allumiava a loja d'aquella casa d'infelizes.

Nada desvendava o mysterio do seu nascimento; nem um unico indicio pelo qual podesse, passados tempos, ser reconhecida pelos paes que a haviam arrojado para aquella senda.

Toquei então a campainha e entreguei, n'aquella casa piedosa, o misero engeitadinho, que em tão tenra idade se achára n'este mundo em ateadada lu-

ta com o infortunio, e foi n'este instante, com o coração dilacerado d'uma dôr solerte, que duas lagrimas sentidas se me dislisaram pelas faces, indo perder-se na mãosinha roxa e fria d'aquella desditosa creança, como o rócio da noite, nas manhãs d'estio, se perde nos calices das flôres.

Passados que foram alguns dias, soube que fôra baptisado com o nome de Antonio e que momentos depois desferia vôo e entregára a alma ulcerada dos mais dolorosos espinhos, ao Creador!

Ah creança! a tua vida n'este mundo foi ephemera como a da flôr que apenas desabrocha e logo uma réstea de sol a murcha e o mais leve zephyro a faz tombar.

Pobre creança! evolaste-te para a mansão angelical; é que eras um anjo e os anjos não são da terra, não; são do céu.

Faria Junior.

## Scenas medievas

I

Na gothica janella, impaciente  
A bella castellã, de quando em quando,  
Mergulha o olhar na treva e, murmurando,  
Agita o breve pé, toda fermente.

O serpentino arroio transparente  
Ouve-se ao longe n'um sussurro brando,  
As azas um falcão, talvez sonhando,  
Na alcandora move brandamente.

Um vulto salta o fôssco e bem ligeiro  
Prênde-se á escada: é um joven cavalleiro  
Que sobe ao aposento onde ella mora.

No castanheiro canta a cotovia  
E o mancebo fugindo á luz do dia  
Galopa em seu corcel, estrada fóra...

João Belzebut.

## Orgulhosa

a Santos Serpa.

Havia em seu mago rosto,  
Como o dos anjos dos ceus,  
A tez das virgens d'Ariosto,  
Reflexo do olhar de Deus.

O seu talhe era roubado  
De Murillo á grande tãla  
Quem não ficava extasiado  
Ao vel-a passar tão bella?

Mas um dia—um sonhador  
Passando por tal fulgor  
Fez-lhe um canto apaixonado.

E ella ao ver do amor o mar,  
Não se quiz n'elle afogar  
—Repelliu o desditado.

Braga—86.

Jacinto Parreira.



## A primeira carta...

a Alvaro Paulo

Dançou-se animadamente aquella noite, no rico palacete da marquezia. Era o anniversario de sua filha, uma formosa e sympathica rapariga, de estatura regular, rosto oval, bellos olhos azues, rasgados, cabellos côr de azeviche, a flôr da «jeunesse-dorée» da capital.

Clarisse, trajava uma rica *toilette* côr de rosa e lilaz, guarneçada de custosas rendas de Bruxellas que faziam brilhar com mais realce a sua belleza lactea, que satisfaria os mais exigentes. O cabello encaracollado similhando anneis, estava cravejado de perolas e rubis que deslumbravam.

No vastissimo salão esplendidamente decorado, com Psychés de alabastro mui fino e estatuetas de Sévres, forrado de ricos espelhos venezianos, com molduras de crystal, onde se reflectiam os bustos elegantes, reinava uma plena satisfação e alegria, sob a luz suavissima que os candelabros espargiam.

Dava-se começo ao baile. A orchestra começou de executar uma walsa de Strauss e Ernesto um bello e attrahente rapaz, typo verdadeiramente inglez, olhos pretos, limpidos, cabellos louros, d'um louro raphaelesco, deu o braço a Clarisse e entregaram-se áquelles vertiginosos volteios da walsa.

Durante o curto tempo, tempo que era para Ernesto inegualavel, quantos protestos e juras de amor se não fizeram. Infelizmente para elles cessou a walsa. A boa Clarisse sentou-se n'uma das cadeiras, que similhando um cordão, rodeavam o vasto salão afestado onde rescendiam perfumes enebriantes. Ernesto juntou-se a um pequeno grupo, que hem perto conversava animadamente.

Que momentos tão dulcificantes, tão suaves para ambos!

Que castellos lhes não phantasiava o cerebro! Entre ambos trocavam-se olhares ternos e dos labios descolavam-se tão amorosos sorrisos, que traduziam o amor intenso que os abrazava e que mais tarde se transformaria em bellos dias venturosos para aquelle adoravel bohemio, que andava ha tempos ancioso por possuir um doce thesouro, que para elle valia muitissimo—o amor de Clarisse.

O baile passou deixando na mente de ambos as mais gratas recordações.

Nos dias immediatos, á tardinha quando o sol—sublime titan de luz—era prestes a afogar-se no occaso, elle lá ia montado no seu fogoso corcel, vêr Clarisse, que recostada á janella esperava anciosamente a passagem do seu gentil namorado.

Volveram-se mezes. Um bello dia, Ernesto abrazado em amor escreveu á sua amada n'um papel assetinado, rescendendo a *yang-lang*, cheio de formosas phrases, que ella devia apreciar. A missiva chegou ás mãos de Clarisse, que se apressou em responder. Que goso inexprimivel para elle!

Mas oh! infelicidade deu-se com a missiva de Clarisse uma aventura tragica que para elle, que tinha arreigadas algumas crenças de sua mocidade era prenuncio de infelicidade no decorrer d'a-

quella nova vida, que havia sido encetada no baile.

Depois de muitos embaraços, Clarisse, conseguiu da creada levar-lhe a resposta.

N'uma tarde, por signal, uma formosa tarde primaveral, quando elle se achava, como de costume, encostado indolentemente aos hombraes da tabacaria cavaqueando alegremente com alguns amigos, que se riam da fina ironia com que Neiva, um poeta lyrico, de grande cabelleira, salpicava a palestra, ficou estupefacto ao ver que o ditoso poeta, que gosava fama de grande conquistador, recebia das mãos d'uma creadinha que lhe parecia ser de Clarisse, muito atrapalhada lhe meteu nas mãos uma carta, n'um sobrescripto muito luzidio. Neiva conheceu que não era para elle, mas para firmar os seus creditos deu a perceber a sua felicidade, e foi logo victoriado por alguns que pela portadora conheciam a origem da missiva, o que indignou profundamente Ernesto, que empallideceu e se afastou do grupo.

Neiva entrou dentro da tabacaria e leu a encantadora carta, que continha grandes confidencias.

Ernesto não passou mais pela rua onde ella morava por pensar que havia sido preferido. Não sahia.

Passadas semanas, por acaso, encontrou Neiva, que se alvorçou por o ter encontrado e ao mesmo tempo por ter a felicidade de lhe entregar o objecto que lhe parecia dever-lhe pertencer.

Era a carta. A creada havia-se enganado, mas os segredos que continha não haviam passado do poeta, que lhe presagiou mal por ter succedido aquelle engano.

Continuaram aquelles amores. Um bello dia, Ernesto, desposou-a e foram gosar o seu amor n'uma formosa *villa* de Italia.

Foi só quando partia, levando comsigo um bona peculio e felicidade, que Neiva contou por entre um sorriso significativo, a historia da carta e mostrou que não quiz tirar partido do engano de que muito se admirou.

E' sempre assim. A' escura e entenebrecida noite succede-se a aurora ridente percursora do dia esplendido.

Braga—86.

Tito Manlio.

## Incerteza

M.

Quando penso em ti, loira creança,  
Sinto-me arrebatado ao infinito;  
E' que por ti acalento uma esperanza  
Que não se esvaece não, anjo bemdito!

E tu, astro gentil da minha vida  
Não sei se o teu amor ao meu é igual;  
Talvez que não seja não, mulher qu'rida,  
Mulher feita de luz e de crystal.

Braga.

Faria Junior.

## HORAS D'OCIO

## Charadas

Premio ao primeiro decifrador—«O Filho de Deus»

Cheguei ha pouco de França  
Com ideia de casar  
O navio deu n'um baixo  
Esteve quasi a afundar  
E teve d'entrar no dique  
Para poder concertar—2

N'elle tenho a mobilia  
P'ra minha casa adornar  
Comprei-a toda em Marselha  
Por mais barata custar  
Apesar que n'alfandega  
Tenho muito que pagar—1

Já tenho casa alugada  
P'ra onde vou habitar  
Vir só falta o mariola,  
P'ra mobilia transportar,  
Que deve trazer o todo  
Para não se molestar.

Lisboa.

G. Caetano.

Dedicada aos amadores Bracarenses

Mui distinctos amadores  
d'essa mui nobre cidade:  
permitti a liberdade  
de offertar-vos a charada;  
não tem do verso primores,  
pouco vale ou quasi nada.

Desculpa peço a final  
Lisboa, tantos de tal.—2

Eu julgo que esta charada  
terá longa duração;  
resistirá ao baldão,  
affrontará a tormenta,  
e não será decifrada.  
Far-vos-ha torcer a venta.  
Desculpa peço a final,  
não sei a quantos de tal.—2

Nem mestre, nem aprendiz,  
nem alferes, nem tenente,  
nenhum homem ou mulher,  
se a minha *mente* não mente,  
decifram o que esta diz,  
nem cá mettem a colher,  
nem morte dão á charada  
a septe chaves guardada.

Lisboa.

Augusto Cesar de Freitas.

Ao primeiro decifrador — um Almanak Luzitano

Dizem por cá os jornaes,  
—Mas isto muito em segredo,—  
Que na questão Bracharenses  
Guimarães, chuchou no *dedo*.—1.

Não creio porém em tal,  
E, digo-o sem ser severo:  
O governo resolveu-a,  
Reduzindo tudo a zéro!—2.

E bom foi, porque mais tarde,  
Talvez servisse a questão  
P'ra desgostos e pezares  
A' nova situação.

Haja pois esquecimento,  
D'esta lucta tão renhida;  
Que deu cauza a que o governo  
Com *ella* perdesse a vida!—1.

Visto, porém, que o leitor,  
E' o todo e bem sagáz;  
Termine emfim a contenda:  
Fique tudo em *bona paz*.

Vizeu.

Pequeno Antoninho.

## Logogripho

A minha patria é a China, 1-2-7-8  
Tenho o cognome de um rei. 1-4-5  
Por achar a pedra fina, 4-5-6-7  
Nunca a virtude encontrei. 6-3-8

Eu não sei que voz ouvi,  
Lá pr'o lado do nascente;  
Decerto ouvi um *anjo*,  
Que cantava lindamente.

(Popular)

Castello Branco.

A. Meruje.

## Decifração das charadas do n.º 2

1.ª Relampago.—2.ª Amada.—3.ª Idolo.—  
4.ª Fabordão.—5.ª Visão.—6.ª Ramalho.—7.ª Vi-  
rola.—8.ª Lopes.—9.ª Gazella.—10.ª Uchão.—  
11.ª Casação.—12.ª Cabala.—13.ª Melro.—14.ª Ma-  
rio.—15.ª Viuva.—16.ª Pedagogo.—17.ª Silvado.  
—18.ª Anglicismos.—19.ª Cantharida.

## EXPEDIENTE

Pedimos aos nossos bondosos assignantes, que  
se acham ainda em debito, a fineza de mandarem  
satisfazer as suas assignaturas.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á  
administração do «Relampago» rua dos Biscainhos  
—19—Braga.

Os originaes sejam ou não publicados, não se  
devolvem.

Braga—Typ. de Sá Pereira—1886.